



Jamila Madeira: Newsletter

Deputada ao Parlamento Europeu | Grupo Parlamentar do Partido Socialista Europeu



nº 5 | FEV.08

Deputados Europeus entram em Gaza

A Deputada Jamila Madeira participou numa delegação de Deputados Europeus que se deslocou a Israel e aos Territórios Ocupados da Palestina entre os dias 02 e 06 de Fevereiro. Esta deslocação de deputados dos diversos grupos políticos representados no Parlamento Europeu teve como objectivo a análise no terreno da situação social, económica e política.

Os deputados reuniram com o Primeiro Ministro Salam Fayyad, com os Presidentes da Câmara de Belém e de Hebron, com representantes da Comissão Europeia em Jerusalém e Telavive, com a Sociedade Civil e ONG a actuar no terreno e, a deputada Jamila Madeira em particular, teve encontros com a Embaixadora de Portugal em Telavive e com o Chefe de Missão de Portugal junto da Palestina.

A Delegação conseguiu romper o bloqueio que dura há meses e entrou em Gaza onde reuniu com a Agência das Nações Unidas UNRWA, com o Director do Hospital Central de Al-Shifa, com empresários e com representantes de ONG de direitos humanos. Foram igualmente à cidade Israelita de Sderot onde foram recebidos por intelectuais e professores universitários que defendem o fim do bloqueio a Gaza como ponto de partida para o processo de paz.





50 anos de Paz / 50 anos de Guerra

O conflito no Médio Oriente é tema recorrente na agenda mediática europeia, internacional e nacional. Todos vemos este facto como uma evidência e alguns como uma inevitabilidade. Muitos dizem que a exaustão acabará por resolver o problema e que a guerra sempre tem um fim. Outros crêem que o fundamentalismo deve ser controlado pela força, dado que a violência não pode ser tolerada. No entanto, o que temos afinal entre mãos? Temos um conflito que dura há 50 anos, tantos quantos os que temos de Paz na Europa. Um conflito que não é uma guerra, é sim uma violência, uma ocupação continuada e cada vez mais acentuada.

Uma ocupação que não combate o fundamentalismo, mas apenas alimenta com humilhação e violência diária as populações civis e que se traduziu num grito de desespero quando democraticamente votaram no Hamas no último processo eleitoral.

Olhar para os números das baixas desta ocupação faz-nos perguntar como querem que acreditemos que esta visa mais segurança de parte a parte. Todas as vítimas são repudiáveis e inaceitáveis à luz deste conflito e dos nossos valores mas, verificar os milhares de palestinianos que morrem contra algumas dezenas de israelitas, dá que pensar. Será que para combater o homem da fisga que nos incomoda cada vez que passamos é necessário ou útil usar a bomba nuclear?

Vim na passada semana dos Territórios Ocupados da Palestina e de Israel. De parte a parte a sociedade civil grita por diálogo e outros, com poder, gritam por respostas violentas e alimentam a indústria militar.

Desesperam pois, a comunidade internacional em geral e europeia em particular, que do alto dos seus valores, injecta milhões no terreno, mas esquece-se de ver se isso é eficaz. E eles crêem ter sido

abandonados. Estive em Gaza. Acreditamos, eu e os meus colegas, que demos um pouco de esperança àquela gente mas, no entanto, não demos alimentos, não demos combustível, medicamentos, não restabelecemos a vida económica, não mudámos nada. Demos esperança. Mas vimos muita dignidade, gente que está a ser empurrada para situações extremas mas que as rejeita, gente que vê os seus recém nascidos ou familiares falecerem sem que nada possam fazer, a cada meia hora que a energia é cortada ou simplesmente falha por não haver combustível para o gerador. Gente que não quer caridade pois tem os seus negócios e não depende da autoridade vigente, mas perante o cerco em que nada entra nem nada ou ninguém sai, vêem como única alternativa desmontar o negócio, despedir os empregados e esperar que o desespero não tome conta deles. Gente que recebe arroz, farinha, leite e óleo como ajuda da Agência das Nações Unidas sedeadas no Território como se de famintos se tratassem e, ainda assim, com esta ajuda, só vêm supridas 60% das suas necessidades calóricas diárias para sobreviver.

Enfim, gente normal que considera que a sua vida não deve ser vista como uma emergência humanitária, mas que deve ser vista como uma emergência política com medidas extraordinárias e responsabilidade acima da média, afinal foi a comunidade internacional que deixou que tudo isto se arrastasse até este ponto. Temos por isso mesmo que pôr a mão na massa mais cedo e não mais tarde, ser parte activa na solução e não no problema. Não há tempo a perder.